

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **MONUMENTO SEPULCRAL EM FORMA DE ARA COM INSCRIÇÃO LATINA, DE SANTA MARINHA DO ZÊZERE, BAIÃO.**

BRANDÃO, Domingos de Pinho

Ano: 1960 | Número: 70

---

### **Como citar este documento:**

BRANDÃO, Domingos de Pinho, Monumento sepulcral em forma de ara com inscrição latina, de Santa Marinha do Zêzere, Baião. *Revista de Guimarães*, 70 (3-4) Jul.-Dez. 1960, p. 485-490.

---

Casa de Sarmiento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmiento.uminho.pt](mailto:geral@csarmiento.uminho.pt)

URL: [www.csarmiento.uminho.pt](http://www.csarmiento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

# Monumento sepulcral em forma de ara com inscrição latina, de Santa Marinha do Zézere (Baião)

Pelo Prof. Dr. DOMINGOS DE PINHO BRANDÃO

---

O lugar de Santana, da freguesia de Santa Marinha do Zézere, do concelho de Baião, fica quase no extremo sudoeste da freguesia, junto da linha do Douro, a uns 650 metros da estação de Mirão, caminhando-se para a da Ermida (1).

Aí apareceu, há poucos anos, o monumento sepulcral em forma de ara que vamos estudar. Foi encontrado, a cerca de um metro de profundidade, quando os trabalhadores arroteavam as leiras superiores de uma vinha pertencente a Guilherme de Almeida, a umas dezenas de metros a nordeste das casas do referido lugar. Mais tarde, o proprietário do terreno ofereceu esse monumento ao Sr. Arquitecto Luís de Azevedo, que o levou para a sua Casa das Quintãs, da freguesia de S. Tomé de Covelas, onde se conserva presentemente (2).

---

(1) A designação do lugar deve-se ao facto de aí ter existido uma capela dedicada a Sant'Ana. Desta capela ainda se distinguem as paredes, semi-levantadas, semi-caídas, perto da linha férrea.

(2) Tivemos conhecimento da existência desta lápide através do universitário Victor Hugo Lecoq Forjaz de Lacerda. Desconhecíamos a notícia do achado que o correspondente de Mirão enviara para o *Jornal de Notícias* (30-XI-1959, pág. 5) e para o *Diário Popular* (22-XII-1959, pág. 17). Não desce o correspondente a pormenores, nem descreve o achado. Diz, apenas, que devia tratar-se de uma *ara sagrada* «com obra de arte e insculpido pouco legível» (*Jornal de Notícias*). Por confusão certamente, localiza o lugar do achado em S. Tomé de Covelas, freguesia vizinha da de Santa Marinha do Zézere.

A Casa das Quintãs, onde se encontra a lápide, fica sobranceira à estação de Mirão, a pequena distância desta e, portanto,

Não nos consta que no lugar de Santana tenham aparecido outros vestígios do período da romanização. Na breve visita, que em 30 de Agosto de 1960 fizemos ao local do achado, também os não encontramos. Sabemos, porém, que a região é rica sob o aspecto arqueológico. Abundam, de facto, pelo concelho de Baião, testemunhos da vida de um passado distante, romanos e pré-romanos, que não faltam, mesmo, dentro dos limites de Santa Marinha do Zézere (1).

Passamos para aqui o que o nosso ficheiro já registava sobre esta freguesia, por tais elementos complementarem, de algum modo, o presente estudo.

Com a data de 1907 escrevia J. de V.: «Perto da igreja matriz desta freguesia (*de Santa Marinha*) ergue-se um morro denominado o Crasto. Divisam-se relíquias de um ópido em adiantado estado de ruína. Já não tem muros; apenas vestígios deles. Pelo chão cacos de barro cozidos de olaria romana. Deste castro foram remetidos para o Museu da Sociedade Martins Sarmento duas esculturas em pedra granítica, uma representando um quadrúpede, a outra uma figura romana» (2).

Estudante ainda da Escola Médico-Cirúrgica do Porto, Leite de Vasconcelos visitou Santa Marinha do Zézere (3). Em carta de Outubro de 1883, deu conta a Martins Sarmento das pesquisas e investigações aí feitas: refere-se, além de outros achados, a cinco cam-

---

não longe do lugar do achado. Agradecemos ao Sr. Arquitecto Luís de Azeredo todas as facilidades que nos concedeu em ordem ao seu estudo e louvamos a iniciativa de ter pedido e recolhido a lápide que, de outro modo, teria ido parar, adaptada e estragada, a qualquer fontenário da terra.

(1) Cf. J. de V.: *Materiaes para o inventário archeológico de Baião*, in *Portugalia*, Tomo II (fasc. 4), págs. 669 a 673. Notícia escrita em 1907.

Cf., ainda, *Portugalia*, II, págs. 417 a 426; *Cartas de Leite de Vasconcelos a Martins Sarmento. Publicação... com anotações de Mário Cardoso*. Guimarães, 1958, págs. 92 a 96; D. de Pinho Brandão: *Ara dedicada a Júpiter de Santa Leocádia de Baião*, in *Humanitas*, vol. VIII da nova série. Coimbra 1959.

(2) In *Portugalia*, tomo II, pág. 672.

(3) Era, na ocasião, pároco de S. Tomé de Covelas um seu primo, o P.<sup>o</sup> Adriano Leite Cardoso Pereira de Melo. Isto explica a visita de Leite de Vasconcelos ao local.

pas aparecidas na *Quinta de Guimarães*, que, a avaliar pelos tijolos, lhe pareceram romanas e às duas esculturas, atrás referidas, encontradas no sítio do *Crasto*, de que envia um desenho — um varrão (?) e a parte inferior de uma estatueta cortada pela cinta (1).

Posteriormente (13-VI-91), em carta dirigida ao mesmo Arqueólogo, volta a falar de alguns achados da *Quinta de Guimarães* (2).

Aos elementos que já conhecíamos, junta-se, agora, a lápide com a inscrição que passamos a estudar.

\*

Trata-se, como dissemos, de um cipo funerário em forma de ara (3). É de granito e encontra-se em razoável estado de conservação.

A base é moldurada. O capitel remata superiormente por um pequeno frontão triangular e duas volutas. O *foculus* é de forma circular, à maneira de *patera*.

Mede a peça 0,<sup>m</sup>69 de altura, por 0,<sup>m</sup>295, 0,<sup>m</sup>22 e 0,<sup>m</sup>28 de largura, respectivamente no capitel, no fuste e na base. A espessura é de 0,<sup>m</sup>265; 0,<sup>m</sup>28 e 0,<sup>m</sup>265 nas mesmas parcelas da lápide. A altura do capitel e da base é, respectivamente, de 0,<sup>m</sup>23 e 0,<sup>m</sup>17.

O *foculus*, de bordos salientes, mede 0,<sup>m</sup>125 de diâmetro, com uma concavidade de centímetro e meio de altura.

A inscrição desdobra-se em seis linhas, ocupando uma das faces do fuste. As letras não têm grande perfeição. Algumas, pela acção do tempo, estão um pouco apagadas. Distribuídos pela inscrição há sete

(1) *Cartas de Leite de Vasconcelos...* págs. 62 a 67. A estatueta, que tem o carácter da época lusitano-romana, e o quadrúpede encontram-se no Museu de Arqueologia, da Sociedade Martins Sarmiento, como diz J. de V. Cf. Mário Cardozo, *Catálogo do Museu...* I—*Secção lapidar e de escultura*, Guimarães, 1935, n.ºs 88 e 89, págs. 142 e 143; *Extractos da Correspondência de F. Martins Sarmiento*, in *O Arch. Port.* VI, págs. 47 e 48.

(2) *Cartas de Leite de Vasconcelos...* pág. 123.

(3) São frequentes os monumentos sepulcrais em forma de ara. Em alguns, o capitel, fuste e base são peças distintas que se justapõem. Não assim o de Santa Marinha do Zézere. Cf. Mário Cardozo, *Catálogo das Inscrições Lapidares do Museu Arqueológico de S. Miguel de Odrinhas*. 1956, págs. 22 e segs.

pontos *distinguentes*. Não sabemos se houve outros que o desgaste da pedra tenha feito desaparecer, depois do S da primeira linha e do P final.

O A da segunda linha e o primeiro da quinta foram gravados sem traço transversal. As últimas letras, M-A, da quinta linha estão em nexa.



Depois do F desta linha, há uma ligeira falha de pedra. O desenho, que ilustra este artigo indica outras características paleográficas da inscrição.

Relativamente à altura das letras, varia entre três, e quatro e meio centímetros: mais alto o S da primeira linha, mais baixos os dois XX da quarta.

\*

A epígrafe oferece alguma dificuldade na interpretação do nome da defunta. CEL, da segunda linha, é abreviatura de nome feminino. Ora, vários são os nomes femininos começados por *Cel*: *Celea*, ou *Celia*, *Celera*, *Celeriana*, *Celerina*, *Celsa*, *Celsia*, *Celsidia*, *Celsina*, *Celsinia*, etc.

*Celea* é, parece, uma forma de *Caelia* (*Caelius*), nome, este último, bastante frequente. Não é difícil explicar a transcrição de *ae* por *e*, e quanto ao segundo *e*, o fenómeno (*i* por *e*) repete-se, por exemplo, em *Boutea* (formas normais *Boutius*, *Boutia*), *Cilea* (formas normais *Cilius*, *Cilia*), *Triteus* (formas normais *Tritius*, *Tritia*) etc. Que saibamos, a forma *Celea* é conhecida apenas na inscrição votiva proveniente de Ronfe, Guimarães, e hoje no Museu da Sociedade Martins Sarmento e, talvez, numa funerária proveniente de Cárquere (1).

De que nome se trata na inscrição?

A abreviatura sugere mais facilmente *Celea* (*Celia*), ou *Celera* com seus derivados, do que *Celsa*, *Celsia* com os seus aparentados (2). Acentuamos a palavra *sugere* e não poderemos ir mais além.

Na margem oposta do Douro, em frente a Santa Marinha e a S. Tomé de Covelas, sobem do rio as terras do concelho de Resende: a freguesia de Anreade, a de Resende e, lá no cimo, mais longe, quase toda escondida, a freguesia de Cárquere. Aqui apareceu a lápide, a que já nos referimos e que o P.<sup>o</sup> Jalhay estudou. Nela se encontra a abreviatura *Cel* que o distinto arqueólogo e epigrafista interpretou como *Celea* (3).

(1) Cf. *Catálogo do Museu... I — Secção Lapidar... pág. 23; CIL. II, 5563; Cartas de Leite de Vasconcelos a Martins Sarmento*, págs. 56 e 57 (com a fotografia da lápide); P.<sup>o</sup> Eugénio Jalhay, *Lápides romanas da região de Cárquere (Resende)*. Separata da revista *Brotéria*, Vol. LII, fasc. 1.<sup>o</sup>, Janeiro de 1951, págs. 20-21, n.<sup>o</sup> 7.

(2) Em Tarragona, regista-se o nome de *Celsia Flavina* numa inscrição funerária: *Fulviae Proculae Celsia Flavina. | Mater Fil(iae) | Karissinae ||*.

Não está, certamente, relacionada esta inscrição com a de Santa Marinha, ainda que, porventura, fôsse idêntico o nome. Cf. CIL. II, 4119.

(3) A inscrição de Cárquere começa: P/D M/ S CEL que o P.<sup>o</sup> Jalhay interpreta, embora sob um *talvez* P(osuit) D(iis) M(anibus) S(acrum) SEL(ea)...

Se nas redondezas tivesse aparecido noutras inscrições, completo, este nome (*Celea* ou *Celia*), não hesitaríamos em escolhê-lo para a de Santa Marinha (1). Tal, porém, não aconteceu. Ficamos, por isso na dúvida.

*Flavina* (*Flavinus* diminutivo de *Flavus*) é bastante frequente. Na presente inscrição deve ligar-se como *cognomen* ao nome antecedente (2).

Os dois nomes — *Cel. Flavinae* — podem considerar-se em genitivo, unindo-se à fórmula inicial da epígrafe, ou em dativo, à maneira de dedicação. Preferimos o dativo pelo contexto (*Matri em dativo*). Nas duas últimas linhas, lemos *Filia Matri p(ia) p(osuit)* (3).

D · M · S  
 CEL · FLA  
 VINE ·  
 AN · LXX ·  
 FILIA  
 TRI P · P

É, pois, como segue, a leitura da inscrição, e assim terminamos a notícia sobre a lápide funerária:

Leitura: — D(*iis*) M(*anibus*) S(*acrum*) / CEL(*ea?*)  
 FLA / VIN(*a*)E / AN(*orum*) LXX / FILIA  
 MA / TRI P(*ia*) P(*osuit*) ||.

Tradução: Consagração aos deuses Manes. A Celea (?) Flavina (que morreu com a idade) de 70 anos. A filha piedosa levantou (este monumento) a (sua) mãe.

(1) As abreviaturas eram, regra geral, de interpretação mais fácil para os contemporâneos, sobretudo pela repetição do nome.

(2) Não parece indicar a filiação.

(3) Na quinta linha o A está desligado do nexu que segue. Não há dúvida, portanto, sobre a leitura desta linha.